

Votar é preciso

Leonel Pontes, TOC n.º 119

A vida social renova-se pela participação dos cidadãos nos actos mais elementares, actos que vão oxigenar as organizações, o que, obviamente, ocorre pelo voto. Pese embora, nos últimos tempos, constatamos que os cidadãos, pela descrença, vão desperdiçando um direito constitucional, que foi caro a conquistar: o voto. Que ninguém se esqueça que noutros tempos esta coisa tão simples era miragem. Fruto de lutas transversais a toda a sociedade, muitas vezes vigiados (já sabem por quem) adquirimos o voto. Com efeito, as organizações profissionais são uma vitória de uma geração que já vai escasseando. Com pena, constatamos que os cidadãos vão (estão?) renunciando a tão digno e nobre direito – coisa também e ainda em maturação. Nessa esteira, a nossa Câmara, após vicissitudes várias, foi legalmente criada. Trouxe dignidade – hoje um TOC não é um servo do Estado ou das empresas – e, por isso, podemos dizer que o TOC é (está a ser) fundamental na consolidação da nossa democracia. E sem ser serviçal! O garante da mensuração dos actos económico-financeiros indispensáveis à governação do País, devolvendo assim (pagando) o espaço recebido, por conquista, de um novo modelo de governo.

É nessa acção dinâmica, pela participação de muitos, em caminhada de anos, de convicções e frustrações, que hoje podemos dizer que existe a “casa” dos Técnicos Oficiais de Contas, constituída, bem se sabe, por um *mix* de mais velhos e mais novos, sempre direccionados em ordem a dignificar a Instituição. Pese embora o muito ruído levantado por não terem feito tudo quanto deviam, porventura até se pode estar a enveredar por caminhos sinuosos – sem o querer, aceita-se! – como seja a obrigatoriedade de formação, – esta é, sem dúvida, pedra de TOC, em ordem à contínua preparação para a qualidade. Todavia, o modelo pode não ser o mais adequado.

Com efeito, uma classe que se preze impõe-se pelo assumir pleno das suas responsabilidades perante quem serve – e neste caso serve duas entidades, ao mesmo tempo, o Estado e aqueles que lhes pagam, o que não acontece com ou-

tras profissões – daí que ainda hoje nos assalta a dúvida se exercemos uma profissão ou função. Com efeito, a independência necessária ganha-se pelo saber, pela formação e não pelo saber consultando, como quem diz: «se está no computador, então é porque é assim.» Como tal, o modelo seguido na formação pode carecer, ele mesmo, de estudo.

O futuro exige, como sempre, que estejamos atentos e sejamos persistentes, que não desfaleçamos, mas que tenhamos a coragem e a dinâmica de sermos sempre melhores. Daí que, após o primeiro acto eleitoral para a Direcção da Câmara – aqui, pela primeira vez, o manifesto – quisera os colegas que tal tarefa fosse confiada à candidatura minha oponente e, tendo sido derrotado, nem por isso perdi amigos ou atirei a toalha. Desde então, não fiz qualquer oposição, nem ousei depreciar, denegrir ou exercer estéril combate. Não deixei de contribuir, pela atitude e não só! – pela dignificação da “casa” que ajudei a erigir.

Novo acto eleitoral se aproxima – o terceiro, já que o primeiro parece que foi ontem – e, para esse desígnio, quaisquer que sejam os candidatos, o que se pede é que não cristalizem e não deixem de tomar as medidas necessárias para a contínua formação da Câmara, também ela ainda em construção. Longo e bom foi o caminho percorrido, mas nunca poderemos renunciar a mais e melhor. ■

**Novo acto eleitoral de aproxima (...)
e, para esse desígnio, quaisquer que
sejam os candidatos, o que se pede
é que não cristalizem e não deixem
de tomar medidas necessárias para a
contínua formação da Câmara, tam-
bém ela ainda em construção.**